



O trabalho artesanal do historiador e o produto histórico: reflexões sobre a construção de uma história no digital

The historian's craftsmanship and the historical product: reflections on building a digital History

La artesanía del historiador y el producto histórico: reflexiones sobre la construcción de una historia digital

Daniel Ferreira da Silva [*]

[*] Mestrando em História Pública - UNESPAR - Campo Mourão. Graduado em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (2022). Atualmente é bolsista de mestrado da Universidade Estadual do Paraná. Tem experiência na área de História, com ênfase em História, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de história, história pública e conteúdo digital. E-mail: danielfsilva22@gmail.com

Resumo: Este trabalho faz uma provocação para refletirmos sobre o papel do historiador na *web* como produtor de conteúdo. A metáfora do oleiro nos permite compreender, de forma pontual e metódica, todos os estágios da prática dos historiadores para a produção de produtos de história no digital. Nesse sentido, queremos expressar um ponto de vista diferenciado sobre o que produzimos, também incentivar discussões sobre o público e a audiência nas redes sociais e a utilização da história por não profissionais da área. Dessa forma, é importante salientar que todo o trabalho pode ser revisitado, como sugere a metáfora "quebrado e refeito", sem a necessidade de muitos influenciadores, ou seja, produzir por *likes*.

Palavras-chave: Produto Histórico, Oleiro, História Pública Digital, Historiador;

Abstract: This work provokes us to reflect on the role of the historian on the web as a content producer. The potter's metaphor allows us to understand, in a punctual and methodical way, all the stages of historians' practice for the production of digital history products. In this sense, we want to express a different point of view on what we produce, also encourage discussions about the public and audience on social networks and the use of history by non-professionals in the area. Thus, it is important to point out that all work can be revisited, as the "broken and remade" metaphor suggests, without the need for many influencers, that is, producing by likes.

Keywords: Historical Product, Potter, Digital Public History, Historian;

Resumen: Este trabajo nos provoca a reflexionar sobre el papel del historiador en la web como productor de contenidos. La metáfora del alfarero nos permite comprender, de manera puntual y metódica, todas las etapas de la práctica de los historiadores para la producción de productos de historia digital. En este sentido, queremos expresar un punto de vista diferente sobre lo que producimos, también fomentar las discusiones sobre el público y la audiencia en las redes sociales y el uso de la historia por parte de personas no profesionales en el área. Así, es importante señalar que todo trabajo puede ser revisitado, como sugiere la metáfora del "roto y rehecho", sin necesidad de muchos influencers, es decir, produciendo por likes.

Palabras clave: Producto Histórico, Alfarero, Historia Pública Digital, Historiador;

[...] o historiador faz outra coisa: faz deles a história. Artificializa a natureza. Participa do trabalho que transforma a natureza em ambiente e, assim modifica a natureza do homem. Suas técnicas o situam, precisamente, nesta articulação. Colocando-se ao nível desta prática, não mais se encontra a dicotomia que opõe o natural ao social, mas a conexão entre uma socialização da natureza e uma "naturalização" (ou materialização) das relações sociais.[1]

Peço licença para começar

A metáfora do oleiro é utilizada aqui devido à sua função de acompanhar todo o processo de construção do produto, na qual o historiador público participa de forma ativa em todos os estágios da construção destes objetos. Sendo assim, é relevante salientar que o historiador que se dedica a trabalhar com matéria-prima que são fontes históricas e as migra para o meio digital tendo a oportunidade de estabelecer diálogos e ampliar as audiências da história, uma vez que interage de forma ampla com diversos públicos. Dessa forma, podemos exercitar em caráter ilustrativo que o historiador que se dedica à construção de um item de história no digital e à divulgação, tende a desenvolver um trabalho público nos campos do diálogo, recepção e audiência.

Similarmente, faz-se necessária a introdução breve, sobre o que seriam as Histórias Públicas, a fim de darmos continuidade a construção deste texto. A *Public History* é um termo usado nos países anglo-saxões para o que chamamos de História Pública. Referente a isso, não possuímos uma clareza do conceito devido a sua imensa abrangência e diálogo com outras áreas dentro da própria história e em áreas irmãs.[2] Desta forma, no Brasil, A História Pública está entrelaçada a produção de conteúdos para o grande público (Divulgação da História), de maneira que possamos entender como o combate das narrativas históricas nos ambientes não convencionais de ensino de história se entrelaçam, vivenciado a particularidade dos diversos públicos e evidenciado as histórias que não foram contadas. Portanto, podemos enxergar neste quesito a aproximação com as perspectivas da Inglaterra, e em relação ao digital, as percepções de Sergio Noiret (2015)[3] são válidas para o debate.

Assim, podemos fazer História de diversas formas. Nos cursos de formação profissional níveis de graduação e pós-graduação em História possuem-se as demandas locais, isto é, a história regional. Com essa finalidade, possuímos respaldo nas falas de Santhiago (2019)[4] que isto deve-se a uma diversidade de currículos nos casos específicos dos Estados Unidos da América (EUA), essa diferenciação da história acadêmica e a profissional. Nesta percepção, nota-se que no Brasil, nossa compreensão sobre essa diferença se torna cada dia mais retrógrada, pois, os cursos de graduação (licenciatura) já incorporam o olhar da pesquisa em história. Diferente da dos EUA, o caso da Inglaterra, sofre a influência da nova esquerda inglesa com a história vista de baixo, onde

tem o caráter de justiça social salientada por Juniele Rabelo de Almeida e Marta Gouveia Rovai (2019) no livro *Introdução a História Pública*.^[5]

Mas, pode-se pensar que a História Pública no Brasil está atrelada ao aspecto do diálogo com o público, ou seja, existe uma preocupação de como a informação histórica será recebida e conversada pelo público que a envolve.^[6]

O segundo é o aspecto da divulgação da História, que está entrelaçado a práticas de combate a desinformação, revisionismos extremistas e abusos de termos, ou abrandamento de fatos históricos conflitantes e nesse sentido Bruno Leal Pastor de Carvalho e Ana Paula Tavares Teixeira (2019) acrescentam em dois momentos, algo pertinente a essas compreensões. O primeiro deles é na apresentação do livro, no qual inicia com o trecho de uma entrevista com o historiador Jaques LeGoff, o qual afirma:

Passados 40 anos, o "triunfo da história" não apenas persiste como também se desdobrou em outros tantos objetos que são vorazmente consumidos no meio social: biografias, blogs, documentários, podcasts, filmes, palestras, jogos de tabuleiro, jogos eletrônicos, jogos de cartas, eventos comemorativos, aplicativos, vídeos, um canal de televisão totalmente dedicado à História e toda sorte de "produtos históricos". A grande questão para nós que fazemos da interpelação do passado um ofício é que, tal como antes, essa demanda social continua a ser pela História e não por historiadores.^[7]

Ou seja, podemos notar que, a História na totalidade tem ganhado visibilidade e conhecimento para além dos espaços de formações tradicionais, e que agora no século XXI –esses espaços estão no mundo virtual, mais significativamente ainda nas redes sociais. O segundo momento é no próprio artigo de Bruno Leal (2019), no qual relata a necessidade de divulgação, quando concentra a posição de que “chamou a atenção esse fenômeno de narrativas históricas”.^[8]

Tendo isso como base, compreende-se que o conceito de produto histórico dentro do que chamamos de divulgação da história reverbera toda a construção de um material. Pensando assim, de forma pragmática o processo desde a escolha da matéria-prima às ideias de usos deste produto. Reconhecendo e tendo consciência do caráter dialógico que a História Pública propõe, os questionamentos sobre como inserir os públicos no que concerne a participação da história.

Portanto, precisamos compreender que no Brasil, a História Pública possui algumas dimensões, e uma delas é a divulgação. Uma vez que, essa percepção não é a totalidade deste campo, pois, ela trata de outros aspectos de escrita histórica com os públicos, ou seja, com (esferas públicas da história)^[9], sobre (profissionalismo e a escrita histórica sobre o campo)^[10] e pelos públicos (os combates e as narrativas deste passado em ambientes não convencionais de ensino)^[11].

Pode-se acreditar que exista uma forma de abordar de alguma maneira as compreensões da recepção e do diálogo da história com seus públicos de outras formas? Na monografia^[12] de

graduação de Daniel Ferreira da Silva (2022), no qual aborda com ênfase a presença de historiadores e *youtubers* que produzem conteúdos de história na plataforma do *Youtube*. A pesquisa, trabalha com o uso das palavras-chave e os algoritmos de pesquisa do *YouTube*, no qual foi selecionado por meio de visualizações e interações do público com os vídeos.

Neste texto, foi apresentado essa a metáfora de um artesão, o qual ilustrará por meio do artesanato do oleiro como o historiador tende a moldar a história e permitir-se pensar em como negociar o seu papel com os públicos que a englobam, no qual, possui um objetivo que é a preparação de um produto para usos diversos, e esse produto, tem formas, meios, tamanhos e moldes diferentes dependendo de quem seja o público pensado pelo artesão.

Metáfora do artesão

Antes de prosseguirmos, precisamos evidenciar as provocações partindo de uma fala na 2ª Jornada de Estudos Históricos da UFTM[13] a qual diz que: *“O trabalho do historiador público está muito mais associado ao trabalho de um artesão, no qual, participa de todo o processo de construção do objeto”*.

O historiador Thomas Cauvin (2020)[14] propõe-se uma metáfora sobre o trabalho do historiador. Sua ilustração é construída sobre a composição de uma árvore, no qual podemos compreender que as raízes são as fontes, o caule por sua vez é a metodologia que o historiador utiliza, os galhos seriam as abordagens da história que ele usa para definir sua pesquisa. Já que no que concerne às folhas seriam os produtos dessa história que estariam disponíveis para qualquer pessoa possuir livre acesso, mas o historiador está presente em todos os elementos desta metáfora justamente porque ele é a seiva do processo, sem ele não existiria a produção histórica. O que não compreendemos é qual o papel dos públicos, e como podemos inseri-los no processo da árvore. Neste ponto, podemos colaborar com o debate propondo uma metáfora sobre a produção da história na era da internet, no qual, o artesão ressaltado por Almeida (2022)[15] é construído.

Desta maneira, podemos apresentar o trabalho artesanal do Oleiro[16] e o compararmos o ofício do historiador, este possui a sua obra-prima, um vaso. No caso do historiador é a história. Este sujeito que dispõe de conhecimento é o artesão/historiador, sua matéria-prima é a história (eventos, acontecimentos, personagens) e seu produto final é o vaso (conhecimento histórico em forma de texto ou outro suporte). O oleiro, é um artesão que trabalha com o barro, existe uma infinidade de tipos de barro para se fazer argila, nos quais, esse profissional molda seu produto. Essa argila passa por uma série de procedimentos metodológicos para se tornar algo útil aos diversos usos que lhe competem (evidenciamos que estes usos podem ainda haver abusos). Essa

abordagem metafórica, permite que percorramos o caminho de escolha do barro, depois a peneira, o que o permitirem separar o que não está enquadrado na pureza para moldar.

O oleiro molha o barro e o amassa, ou seja, toda a argila, precisa estar flexível para se poder sentir as outras impurezas que ele não notou no peneirar. Essa água (na qual podemos pensar ser o método adotado para filtrar a fonte) amolece e permite com que ele sinta nas suas mãos pedras e outros elementos que não estão dentro que seria a massa do barro. Porém, vale salientar que, essas “impurezas”, neste momento, não sejam relevantes para a avaliação histórica, mas, é justamente essa ideia de tornar a argila algo maleável que o profissional remove esses atributos que confundiriam sua composição naquele momento. O que, pode-se pensar que não exclui essas outras coisas para futuras interferências.

Percebe-se que, depois que o oleiro consegue limpar e moldar a massa do barro, ele começa a dar forma, esse é o método de trabalho mais cuidadoso, pois, se ele errar todo o trabalho precisará passar por análise, ou seja, ele precisará quebrar todo o barro e tentar amassá-lo novamente, do zero. Ao terminar de moldar o vaso, o mesmo passa por outra fase final, no qual, essa se consolida no fogo.

Neste sentido, entende-se, portanto, que o fogo da forja do oleiro faz com que essa massa que estava flácida, se petrifique e torne algo não muito mais maleável, ou seja, ela é o produto final, que, ao sair do forno estará pronta a ser entregue ao que irá usufruir dos seus usos. Portanto, o produto final é a pesquisa histórica feita a partir de fontes e os fragmentos históricos com os quais os públicos que a envolvem a consomem e compartilham. Algo salientado por Carvalho e Teixeira (2019) quando apresentam a ideia de “produtos históricos”[17].

Parafraseando a linguagem bíblica do Livro de Jeremias 18: 1-6[18], o oleiro também tem o senso de notar as imperfeições da sua produção no último estágio e o “quebra e refaz”. Nisto, destaca-se que o historiador não está isento de revisitar seu próprio trabalho (a escrita, o objeto, o estudo e as hipóteses,) e assim refazê-lo se necessário.

Seguindo por essa concepção, idealizamos que o barro seja o fragmento da história que o oleiro trabalhará, e como tal, possui o que o ele consideraria impurezas, ou seja, produtos aleatórios que não são significativos para a escrita da história[19]. Neste caso, a história é apresentada de maneira geral, sem haver um desbravamento por ela, e, recordemo-nos que existem diferentes tipos de argilas para moldar barro.

A argila é, portanto, a matéria-prima com que o oleiro trabalha. A nossa argila é a História, e nela podemos perceber diversos tipos e perspectivas, que influenciam diretamente a forma do vaso que será modelado. Dessa maneira, há interferências ideológicas e conotações culturais, políticas e sociais de um grupo.

O que diferencia da teoria de Cauvin (2019), neste ponto, é que essas fontes não estão distantes das pessoas, e na maioria delas, habita uma compreensão dos símbolos (resquícios/narrativas) do tempo passado, transferidos pelas gerações.

Assim, entendemos que esses fragmentos são os processos históricos que contêm personagens, eventos e transformações. O público tem acesso a essa história e participa dela, de forma consciente ou inconsciente, pois os vestígios do seu passado são vividos, destruídos e ressignificados a cada momento. O que o artesão faz, afinal? Seleciona qual resquício do tempo pode trabalhar e separar o que lhe é útil.

Vale reforçar que, o oleiro (profissional da história), peneira o barro (seleciona fontes), remove todas as impurezas aparentes (analisa os fragmentos da história e compara com outros documentos pertinentes), essas impurezas podem variar consoante a conferência das fontes. No caso do historiador, ele assim como o oleiro também molda, remove, e no caso do historiador público digita sua pesquisa é para enfim utilizar as diversas formas de difusão da história (revistas, jornais, eventos, podcasts, vídeos, etc.), O historiador público no caso, não está preocupado com o crivo entre pares e público, mas sim com a recepção e os modos de recepção.

O artesão escolhe a sua matéria prima e o historiador?

Este texto é a retomada de concepções sobre um trabalho no qual acredito que seja necessário uma colaboração discursiva mais aprofundada sobre o que a teoria e a prática da história pública colaboram nos produtos históricos em nossos dias, o que está presente de forma breve na monografia. Sendo assim, observamos de forma mais particular que historiador é um artesão de seu trabalho. Esse historiador público também pode atuar na sala de aula pois seu público são os estudantes.

A escolha da matéria-prima do historiador é, sem dúvidas, algo que possibilita a ampliação de variados temas e diálogos. Independentemente da perspectiva da História adotada, ao pensarmos no público com o qual queremos dialogar, nossas preocupações são alargadas, pois observamos quem eles são e quais públicos nosso trabalho tende a interessar. Desta forma, compreende-se nosso diferencial em meio às demais abordagens e campos da História, e também o que nos difere de outras profissões das humanidades, que é a preocupação com o público. O profissional da história trabalha com o tempo, fontes e recortes, e, nos casos dos historiadores públicos, o que nos concerne são as esferas públicas da história.

O tempo, para a história, se reconfigura por meio de contextos e reflexos na atualidade. Esse significado é mutável, é algo que transcende a nossa percepção sobre as transformações que ocorreram até nossos dias. Dessa forma, entendemos que a construção de um passado precisa ter

significado sobre quem o escreve e como contextualiza; ela nos permite a reflexão sobre nossas próprias práticas de fazer a História.

Como aponta Rüsen (2003), a ciência histórica abrange algumas áreas, como o jogo de interesses que envolve aspectos políticos e ideológicos próprios. Essa pressuposição nos ajuda a pensar sobre como as pessoas fazem histórias para a internet, e também nos ajuda a discutir questões sobre a monetização, pois é um mercado muito promissor, Rüsen escreve sobre o jogo de interesses dizendo que:

Trata-se do interesse que os homens têm- de modo a poder viver- de orientar-se no fluxo do tempo, de senhorizar-se do passado, pelo conhecimento, no presente. Interesses são determinados por carências cuja satisfação pressupõe, da parte dos que querem satisfazer, que esses já as interpretem no sentido das respostas a serem obtidas.[20]

Em outras palavras, o historiador não está isento do jogo de interesses, especialmente aquele que trabalha com o público, o que nos permite questionar: É possível que consideremos apenas aqueles fatos que se enquadram nos nossos critérios de uma história que vale a pena ser contada, tendo em vista interesses pessoais? Arendt (1983) pontua em uma frase sobre as esferas públicas que “No entanto, há muitas coisas que não podem suportar a luz implacável e crua da constante presença de outros no mundo público; neste, só é tolerado o que é tido como relevante, digno de ser visto e ouvido”. [21]

Nesta perspectiva, evidenciamos que este artigo nasceu das provocações feitas no Trabalho de Conclusão do Curso de História na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, intitulado “*O papel do historiador no universo digital do YouTube*” (2022)[22]. A proposta da pesquisa está vinculada à área do ensino de história e dos usos da história na plataforma de streaming. Evidenciou-se no uso do nicho histórico os historiadores formados e não profissionais da área, que abordam os conteúdos históricos por se tratarem de um nicho que atrai a atenção de audiências diversas. Dos que possuem graduação na área, destacam-se, em sua maioria, por serem apresentadores de canais de cursos preparatórios para vestibulares e avaliações externas.

Porém, gostaria de destacar especificamente o primeiro capítulo da monografia, no qual, analisa os canais do *YouTube* observando áreas de análises (visualizações e inscrições) notaremos algo similar nos canais que não são de profissionais da história, os *youtubers* que lançam a cabo de retratar o passado fala do que lhes é interessante, e as interpretam com o que lhe há de disponível. O exemplo do canal Nostalgia História[23], seus últimos vídeos possuindo consultoria para elaboração de seus roteiros, com referências bibliográficas.

Neste sentido as fontes entram em questionamento, pois como retrata Luca (2020): “a leitura do passado pressupõe a atitude inquisidora”[24]. Isto é, para que os profissionais leiam o passado de forma clara, precisarão, problematizar as fontes históricas que nortearão seu trabalho, e

confrontá-las com outros documentos para que corroborem sua tese. Essa atitude reverbera o que consideramos significativo sobre os fatos do passado, de forma tal, que, estamos constantemente produzindo novas problematizações, é um trabalho de um oleiro o qual se houver necessidade irá “quebrar e refazer” quantas vezes forem.

A possibilidade de adequação do que compreendemos sobre consciência histórica. Luís Fernando Cerri (2017) norteia a compreensão do caráter norteador/problematizador que a história está ligada, ou seja, as idealizações e projeções que cada um possui do passado, assim como ele acrescenta:

Quanto haverá, então, de passado em nosso presente e em nosso futuro? Em que medida o futuro já está comprometido pelas condições dadas pelo passado e pelas soluções que demos no presente? O passado (ou a nossa imagem de passado) é estável ou modifica-se conforme a utilização que fazemos dele? Que fundo de verdade haverá na anedota de que o passado é mais imprevisível do que o futuro? Qual a relação entre o tempo e a imagem que temos de nós mesmos? Quando se mexe no passado, mexe-se também na identidade coletiva? Essas questões sempre se colocam para quem atua na produção e divulgação do conhecimento histórico, mas é nos campos da teoria da história e de sua didática que se colocam com maior premência, pois as respostas põem na berlinda o próprio significado de produzir história e ensiná-la: por que, para quem, desde quando, respondendo a que necessidades, contra o que ou quem, ao lado de quem fazemos?[25]

Cerri (2010) apresenta a discussão sobre a característica política do saber histórico, o que, por sua vez, gera receio e atrito entre os profissionais da área. Sua teoria tenta construir uma forma de enxergar a pertinência do fazer histórico, e, no Brasil, há uma distância no que diz respeito ao saber acadêmico do saber escolar.

O saber acadêmico concerne a formação de professores historiadores, e o escolar promulga a formação cidadã, ou seja, viemos desde o século XIX colaborando com a construção da identidade nacional. No que é repassado pelo ensino de história, foram essas ideias nacionalistas que fomentaram a vinculação da História à formação do espírito patriota identitário da brasilidade, algo imposto pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

Rüsen aponta que “Sem fontes, não é possível reconhecer um passado que faça sentido como história”[26]. No qual, salienta a necessidade de investigar as fontes, neste contexto, entra o recorte. Recorte para historiadores é delimitar tempo, espaço e fontes de pesquisa tangíveis para a investigação da história.

O historiador precisa selecionar fontes, independentemente do tema, e, devido à grande variedade de tecnologias, o oceano de produções sistematizadas faz com que se recorte o que é útil.

Assim, compreendemos que a primeira parte da metáfora estabelece que aquele que trabalham com História pública tem necessariamente que entender que trabalham com a história, a sociedade, e que precisam não somente analisar as fontes, mas também, possibilitar que os participantes que estão na construção coletiva das implicações da história também retratem seus

significados. Isso nos permite pensar de maneira reflexiva que podemos compreender que ao consultar outras fontes que, principalmente no que trata a história presente, somente trabalhar com documentos de um passado média distância sem considerar o caráter de importância dos que foram afetados é fazer uma história sobre um público.

A história com os públicos é feita quando, de maneira significativa, o historiador possui a sensibilidade do uso etnográfico, feito pela história oral e antropologia, para poder corroborar outros fatores desta história. O que nos propõe trabalhar com o próximo tópico.

A separação o que é útil para moldar.

O oleiro agora possui a matéria-prima, que terá de ser peneirada e limpa de impurezas. Agora, consolida-se a metodologia de análise particular de cada um dos historiadores. Reforçando outra das falas de Almeida na 2ª Jornada (2022), pontua-se isso: “qual é o público que seu trabalho quer dialogar?”. Para todos os historiadores que desejam fazer história pública, algo além de conteúdos e análises históricas que se moldam partindo das fontes, é necessário saber quem é o público que você dialoga? O grande problema de muitos historiadores é que eles escrevem e fazem história para seus pares da Academia.

Prosseguiremos falando da ascensão de materiais nas redes sociais, *YouTube*, *podcasts*, *blogs* e ambientes diversos da *internet*, percebe-se que o historiador negligenciou o papel que *internet* tem e sua influência na sociedade. Ele não ocupou seu espaço social, então outros o farão, como acrescenta Carvalho: “Países como o Brasil, é impensável ignorar a potência de redes sociais como o Facebook nessas disputas. Tanto quanto os jornais, redes sociais *online* são espaços públicos legítimos de atuação dos historiadores.”[27]

Julgando a posição do que o jogo de interesses propõe, essa separação do recorte temporal é necessária. Uma vez que a atuação dos historiadores não se baseia somente nos jogos de interesses ao público que busca desenvolver as conjecturas que interrogam suas fontes de forma que os públicos que dialogamos não sejam somente os pares acadêmicos. E isso, por exemplo, é presente dentro do universo da escola. O ensino de história é uma possível ferramenta de como podemos fazer sobre e para determinados públicos.

Outro ponto que precisamos compreender é que esses conhecimentos do passado e dos jogos de interesses devido às pesquisas e os processos do conhecimento, e acrescentado a compreensão que é impossível desassociar as concepções ideológicas e filosóficas de um profissional da história, pois, suas fontes, o material que elas contêm, não possuem neutralidade. É preciso contextualizar as fontes em seu tempo, espaço e quem as produziu para enfim fazer as perguntas, por quê? Por qual motivo? O que foi que motivou isso? Quais outras fontes corroboram essas concepções? Essas

compreensões estão presentes quando notamos em John Rüsen (2003) em seu livro *Razão Histórica*[28].

Simplemente as fontes históricas não abrandam o sentido da história, o historiador, sistematiza isso, confirmando os relatos com outras pesquisas e com outros documentos que são resquícios do mesmo tempo. Portanto, para finalizarmos a compreensão de separar o que é útil, sendo assim, sintetizamos da seguinte forma, as fontes não são isentas de aspectos políticos e ideológicos. O historiador ordena esses aspectos com os resquícios do tempo que coleta para o trabalho historiográfico, com isso, apresenta neste trabalho as relações sociais, culturais e de poder da época, de forma que, tente não esconder fatos para exaltar ou abrandar negações de uma história não real.

O Molde

Encontramos neste momento com o “barro” limpo, peneirado e molhado para moldar no formato que o artesão deseja. Desta forma, passaremos agora ao campo da metodologia, isto é, de como fazer a história, seus aspectos amplos de montar ou incorporar a história e disseminar o conhecimento histórico. Bruno Flávio Lontra Fagundes (2020) pontua esses aspectos sobre os conhecimentos históricos, e em seu texto nota-se alguns moldes para a história pública.

Então, podemos compreender que a história possui várias formas e faces de se propagar e de se apresentar ao grande público. Sabemos que existem pessoas que têm mais facilidade para ler que outras, desta forma, notamos que as linguagens artísticas, a comunicação social, a cultura pop corroboram para a elaboração destas diversas formas. Lembrando que a História Pública surgiu nos Estados Unidos da América com a escassez de empregos de historiadores formais, estes migraram para as consultorias, e essas podem reafirmar o comprometimento da história com o conhecimento humano e a justiça social.[29]

Sendo desta forma, entendemos que o profissionalismo do historiador também se transformou ao longo destes 60 anos. Deveras que, ainda no Brasil, estamos acostumados com dois tipos de historiadores, o professor de história e o historiador dos museus. Entretanto, existem sub áreas dentro da própria história que Olivier Dumoulin (2017) explica sobre o surgimento de segmentos dentro da própria História Pública nos EUA, embora seja devido aos interesses mercadológicos e da falta de campo de atuação direta do historiador:

O espaço ocupado hoje pelos depoimentos dos historiadores testemunhas experts nos tribunais norte-americanos constitui apenas um exemplo singular de uma configuração muito mais ampla, batizada naquelas bandas de *public history*. Sob essa denominação se esconde uma empreitada global de deslocamento do papel social do historiador: arquivistas, gestores de arquivos, consultores ou historiadores contratados, documentaristas, editores, produtores de filmes e mídias, *historic preservationist*, *cultural resource manager*, *interpreters and museum educators*, bibliotecários e bibliógrafos, conservadores de museus,

historiadores do oral, *policy advisors*, assim se desfiaram as funções públicas dos historiadores no último livro publicado sobre o estado da questão nos Estados Unidos. Nomes exóticos em sua língua de origem e ofícios dos mais clássicos se sucedem sob a mesma rubrica.[30]

O que é acrescentado por Santhiago (2019) no qual, acrescenta de diversas maneiras que muito dessas formações nos campos da História nos EUA, são de alguma forma para evitar desemprego em massa, uma vez que, as próprias instituições de ensino superior em caráter de pós-graduação diferem de uma para outra, e que a história pública deveria ser feita pelo público (população) e não o historiador.

Embora que, é contraditória essa concepção, uma vez que seu local de fala, assim como de outros pesquisadores da história pública, é a Academia. Algo que, após a leitura do texto de Arendes (2019) provoca uma reavaliação sobre essa atuação. Pois, a esfera pública, em uma interpretação livre, está muito mais ligada ao contato da história/ historiadores com a população de forma geral, com conceitos de recepção, divulgação e compartilhamento de informações do que dá a liberdade da escrita aos públicos. A ideia de autoridade compartilhada está associada muito mais a permitir espaço e acesso às pessoas a compartilharem suas histórias de forma democrática - a história com caráter democrático é louvada na História Pública Brasileira.[31]do que, dá autonomia da escrita, desta forma permitindo uma história compartilhada[32].

Desta forma, as linguagens são diversas, mas o profissional é o mesmo, possui formação oficial em história, e entendemos que o papel do historiador vai além dos aspectos políticos ligados a formação da identidade nacional. Atualmente, possui-se outras áreas dentro da web que os historiadores estão assumindo de forma crescente. Dentro das quais podemos exemplificar com maior ascendência é a de influenciadores digitais para materiais que corroboram a história digital.

Na monografia de Silva (2022), foi apontada a presença da historiadora Débora Aladim, que apresenta domínio dos conteúdos ministrados em sala de aula e vestibulares, os quais preparam o aluno para as avaliações internas e externas exclusivas aos anos de formação. Entretanto, podemos pontuar a existência do projeto Leitura Obrigatória HISTÓRIA[33][34], no qual, encontramos aspectos da história digital, mas tratando também de forma extraordinária assuntos não discutidos em salas de aula, ou seja, que fogem às grades curriculares.

Outra crescente nesses moldes de fazer a história encontra-se os diversos *podcasts*, podemos citar alguns dos mais populares na última década, dentre eles o História em Meia Hora[35], o Fronteiras no Tempo e o Scicast[36]. Embora todos trabalhem com aspectos próprios que relacionam a história curricular com o mundo que vivemos, destaco o Fronteiras no Tempo[37]. Seus dois criadores vêm desde a graduação elaborando diversos arquivos de áudios que possibilitam uma atividade de reflexão com seu grande público, estes, por exemplo, não estão atentos

exclusivamente a produtos escolares, mas de disseminar o conhecimento histórico e combater a desinformação com as pesquisas científicas concretas. Desta forma, compreendemos bem o que Fagundes pontua quando diz:

A História Pública, a meu ver, coloca esta questão de maneira contundente: não só o historiador sabe história, o historiador precisa saber ouvir os públicos com o reconhecimento da autoridade dos que vivem história, e que, bem ou mal, acreditam sabê-la.[38]

Portanto, regressamos ao ponto de partida, o público consome aquilo que lhe é familiar e corroboram suas concepções de mundo. Essas proximidades de uma história do tempo presente, também mobilizam o interesse público sobre aspectos do passado. Pois compreendemos que as “linguagens/narrativas de divulgação – literárias, filmicas, linguagens virtuais, expográficas, radiofônicas”[39] Ou seja, temos que compreender utilizar todos os mecanismos para que o saber histórico seja repassado de forma coerente.

Por meio disto, entende-se a necessidade da produção da história e entender os moldes de como entregá-la aos diversos públicos que ela contempla e instiga conhecimento. Neste quesito, Fagundes acrescenta que se faz necessário a incorporação do aspecto imaginário ou místico do fascínio da história, que, só conseguimos realizar esse tipo de intervenção com filmes, séries ou algum aspecto artístico. O ensino de história, em especial, carece de aspectos ficcionais para fazer a história ser interessante ao público juvenil. Todavia, a aplicação da história na totalidade para os públicos que a rodeiam carece de aspectos mais atrativos, isso, pode ser evidenciado com as diversas linguagens que vêm sendo utilizadas para o compartilhamento da história (Filmes, podcasts, exposições, etc.).

Para finalizar essa concepção dos moldes na história pública, entendemos que ela precisa estimular ao público, diferentemente da história digital, na qual faz a disponibilização, permitindo o acesso ao conteúdo e as diversas formas de leitura. A história pública, direciona a reflexão pelos meios digital e físicos sobre a história, seus usos, suas produções e nos permite ser participantes do diálogo, ou seja, ela interage com o público, e aprende com ele, valorizando seu conhecimento e o incorporando (por esse motivo a história oral, história e memória e biográfica são tão importantes no construir dos historiadores públicos).

Portanto, podemos entender que existem diversas formas de fazer história, podemos disponibilizá-la na *internet* simplesmente explicando algum tema, o que categorizaríamos como história digital. Mas o fazer público envolve as dimensões do diálogo, do construir, todos os processos de como fazer, para quem fazer e por fim nosso último ponto, o como entregar esse conteúdo.

A fornalha e o material pronto.

Atualmente existe um dizer entre os quês? Das informações na *internet*, possuem um dizer popular entre os jovens: *Se está na internet é verdade?* Essa é a preocupação de todo o profissional sério, o qual, vê a *internet* como um importante mecanismo de ampliação do conhecimento de informações, mas acreditar que tudo que está na rede é verdade, é um problema.

A demanda das *FakeNews* vem assolando os professores nestes últimos anos, os quais são constantemente confrontados por seus alunos sobre a informação que leram na *Wikipedia*, ou no *Google*, salvo quando não alegam que foi justamente um político ou influenciador digital que afirmou em suas redes sociais. Neste quesito, a expressão popular brasileira “nem tudo que reluz é ouro” faz total sentido aqui.

A nossa forma de enxergar os conteúdos históricos é bem diferente da população em geral. Posto isso, compartilho uma experiência que tive nas aulas de mestrado, quando estávamos lendo um material que a professora traduziu de entrevistas na Argentina. A exposição de uma fala me chamou a atenção por se tratar de um relato de sala de aula. A professora percebeu que seus alunos buscavam na internet os conteúdos das disciplinas, e observou, inclusive, o uso de sites de formação de professores. Apesar de não compactuar com as ideologias políticas governamentais presentes neste site específico, ela ficou contente por seus alunos terem tido um direcionamento e não ido a outros ambientes não confiáveis.

Tal material possuía a qualidade necessária para as compreensões, e nisto, a mesma reforça que o trabalho investigativo foi feito com esforço, por esses motivos consideraria que seus alunos não ficaram à deriva no oceano de informações. Assim como a professora define esse oceano de “infolenxia[40]”, ou seja, o bombardeamento de informações[41].

Embora que, esse caso seja muito admirável, a realidade é que muitos de nossa sociedade andam à deriva, o perigo da informação sem verificação na *internet* é sem precedentes. Por esse motivo, podemos acrescentar que essa “fornalha” é o senso sobre a informação.

Um conteúdo sem revelar a autoria, e essa autoria não possui formação específica para estar falando cientificamente sobre aquele assunto, é algo que como pessoas devemos observar, pois, o jogo de interesses ressaltado entra em vigor. Acredite que esse conteúdo que fazer as pessoas relativizarem de mais, abrandarem, romantizarem os aspectos brutais de algo. Podemos notar isso com pesquisas ressaltadas no segundo capítulo de *História Pública em Movimento* (2021), os quais muitos movimentos e grupos recebem ataques ameaçadores a ponto de deixarem de existir por medo de repressões das ditas classes tradicionais.

Dessa forma, é importante salientar que as produções que estão disponíveis podem ou não revelar os sinais e indícios da verossimilhança do tempo. Dado que a "verdade" apresenta aspectos

políticos e ideológicos que estão relacionados ao contexto dessas fontes, as diversas formas de produção de conteúdo e a validação de autoria são elementos fundamentais para ensinar a sociedade a responder de forma crítica às informações disponíveis na internet.

Isso também não isenta o historiador de ser criticado por seu trabalho, uma vez que o mesmo poderá dialogar com seu público para que assim reflita sobre outros tipos de aspectos que não foram reforçados ou ressaltados de forma incorreta por parte do pesquisador.

Considerações Finais

Destarte, destacamos o que podemos considerar até aqui. O trabalho histórico deve ser revisitado, refletido e reescrito sempre que for necessário, visando corrigir possíveis abordagens ou conceitualizações que o profissional considere necessárias para serem reformuladas.

Sendo assim, ao disponibilizarmos um produto digital, estamos assumindo a responsabilidade técnica e teórica deste conteúdo. Isto ainda envolve outros fatores, como a audiência (para quem) que estamos produzindo, os algoritmos de pesquisa e a questão da monetização das plataformas dentro desse oceano de informação que é a internet.

Dessa forma, a proposta apresentada aqui é de que somos responsáveis não somente por sermos historiadores, mas também por combater certos tipos de produtos que negam o papel que a história tem de tratar de forma sensível. É imperativo que reflitamos sobre o nosso público para compreendermos as diferentes formas de contar (produzir conhecimentos históricos) história e suas linguagens. Sem deixar de lado o caráter investigativo e o cuidado que todo historiador deve ter, de modo a não se limitar à quantidade de curtidas ou likes.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Juniele R.; ROVAI, Marta G. de O. (org.). *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011;

ALMEIDA, Juniele Rabelo de; RODRIGUES, Rogerio Rosa, *História Pública em Movimento*, Letra e Voz, 2022;

ARENDES, Cord. What Do We Mean by “Public”? *Public History Weekly*, v. 2019, n. 27, 12 set. 2019. Disponível em:

<https://public-history-weekly.degruyter.com/7-2019-27/what-do-we-mean-by-public/> Acesso: 06 de julho de 2023;

ARENDR, Hannah. “As esferas pública e privada”. *In: A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983, p. 59-83;

BARTZ, Frederico Duarte, *at al.* Quais os desafios da responsabilidade profissional na pesquisa participativa, *In: ALMEIDA, Juniele Rabelo de; RODRIGUES, Rogerio Rosa, História Pública em Movimento, Letra e Voz, 2022;*

CAUVIN, Thomas. Campo nuevo, prácticas viejas: Promesas y desafíos de la Historia Pública. HISPANIA NOVA. Primera Revista de Historia Contemporánea on-line en castellano. Segunda Época, n. 1, p. 7-51, 2020. Disponível em: <https://e-revistas.uc3m.es/index.php/HISPNOV/article/view/5365>. Acesso: 06 de outubro de 2023;

CERRI, Luis Fernando. Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Editora FGV, 2011.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. *In. A escrita da história*, 1982, p.56-106.

Conferência de Encerramento. *In: Jornada de Estudos Históricos, 2º, Laboratório de História Pública UFTM, Uberaba-MG* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jDq1Xfhs-98>. Acesso em: 8 setembro 2022.

DA SILVA, Daniel Ferreira. O papel do historiador em meio ao universo digital do YouTube: quanto valem as interações? 2022. 57 f. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG. Disponível em: https://biblioteca.sophia.com.br/5362/index.asp?codigo_sophia=27602. Acesso em: 26 abr. 2023.

DA SILVA, Daniel Ferreira; DE OLIVEIRA, Pedro Henrique Perassi. COMBATES PÚBLICOS E OS HISTORIADORES. *Horizontes Históricos*, v. 5, n. 2, p. 46-60, 2022.

DE CARVALHO, Bruno Leal Pastor: Café História: Divulgação Científica de História na Internet, *in. DE CARVALHO, Bruno Leal Pastor; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. História pública e divulgação de história. Letra e Voz*, p. 105-123, 2019.

DE CARVALHO, Bruno Leal Pastor; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. História pública e divulgação de história. *Letra e Voz*, p. 105-123, 2019.

DE CARVALHO, Bruno Leal Pastor. Faça aqui o seu login: os historiadores, os computadores e as redes sociais online. *Revista História Hoje*, v. 3, n. 5, p. 165-188, 2014.

DUMOULIN, Olivier. O papel social do historiador: da cátedra ao tribunal. Autêntica, 2017.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. Conhecimento Histórico do Historiador e outros conhecimentos históricos. Revista Canoa do Tempo, v. 12, n. 01, p. 39-65, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/Canoa_do_Tempo/article/view/7145 Acesso: 06 de outubro de 2023;

GRANADO, Helena Ragusa. Influenciadores digitais, base comum curricular e os impactos no ensino de história do nazismo alemão: narrativas em disputas. *In*: MAIA, Paulo Roberto de Azevedo; RAMOS, Márcia Elisa Teté. Linguagens e narrativas históricas na sala de aula. João Pessoa: Editora do CCTA, 2022. p. 69-92.

HAN, Byung-Chul. No enxame: perspectivas do digital. Editora Vozes Limitada, 2018.

Jeremias 18:1-6 - ACF - Almeida Corrigida Fiel - Bíblia Online. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/jr/18/1-6>. Acesso: 07 de julho de 2023.

KOBELINSKI, M. ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. Public History in Brazil. v. 2022, n. 8, 3 nov. 2022. Disponível em: <https://public-history-weekly.degruyter.com/10-2022-8/public-history-brazil/>. Acesso: 06 de junho de 2023,

LUCA, Tania Regina de. Prática de Pesquisa em História, Editora Contexto, 2020.

NOIRET, Serge (et al). História Pública Digital | Digital Public History. Liinc em Revista, v. 11, n. 1, 28 maio 2015. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3634>, Acesso: 06 de outubro de 2023;

PACI, Deborah; SALVATORI, Enrica. Escritos Históricos Colaborativos. Public History Weekly. 10 (2022) 1. Disponível em: <https://public-history-weekly.degruyter.com/10-2022-1/collaborative-history-writings/>. Acesso: 06 de julho de 2023;

RODRIGUES, Icles. História no YouTube: Relatos de experiências e possibilidades para o futuro, in. DE CARVALHO, Bruno Leal Pastor; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. História pública e divulgação de história. Letra e Voz, p. 73-92, 2019.

RÜSEN, Jörn. Razão histórica. Editora Universidade de Brasília. 2001.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele R.; SANTHIAGO, Ricardo (org.). *História pública no Brasil: Sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 23-35.

SANTHIAGO, Ricardo. Servir bem para servir sempre? Técnica, mercado e o ensino de história pública. *Revista História Hoje*, v. 8, n. 15, p. 135-157, 2019. Disponível em: <https://rhhj.emnuvens.com.br/RHHJ/article/view/533>, Acesso: 06 de outubro de 2023;

[1] (CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*, 1982, p.7)

[2] (DUMOULIN, Olivier. *O papel social do Historiador*, 2017. p. 85-101)

[3] (NOIRET, Sergie. *História Pública Digital*, 2015).

[4] (SANTHIAGO, Ricardo. *Servir bem para servir sempre? Técnica, mercado e o ensino de história pública*. 2019)

[5] (ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAI, Marta Gouveia, *Introdução a História Pública*, 2011)

[6] (SANTHIAGO, Ricardo. *Servir bem para servir sempre? Técnica, mercado e o ensino de história pública*. 2019 p. 23-35)

[7] (CARVALHO, Bruno Leal Pastor; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. *História pública e Divulgação da História*, 2019, p.09)

[8] (CARVALHO, Bruno Leal Pastor. *Café História: Divulgação Científica de História na Internet*, 2019, p.107)

[9] *As dimensões da esfera pública e privada ressaltada pela Condição humana* de Hanna Arendt (1963)

[10] *As diversas profissões que surgem e os ambientes que o historiador pode atuar segundo Dumoulin* (2017);

[11] *O combate ao negacionismo e revisionismo histórico e os seus usos segundo Gramado* (2022);

[12] **O papel do historiador em meio ao universo digital do YouTube**: quanto valem as interações? É o tema de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso e o diálogo com a Iniciação Científica, com pesquisa realizada entre outubro de 2021 à fevereiro de 2022.

[13] A fala foi dita por Juniele Rabelo de Almeida na Conferência de Encerramento da Jornada que teve como tema “A História Pública em expansão”, possibilitando um diálogo sobre os possíveis caminhos do campo no Brasil, ver mais em: **Conferência de Encerramento- 2º Jornada de Estudos Históricos 2022**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jDq1Xfhs-9>. Acesso: 05 de julho de 2023.

[14] (CAUVIN, Thomas, *Campo nuevo, prácticas viejas*, 2020.)

[15] Juniele Rabelo de Almeida, *in*. Conferência de Encerramento da 2ª Jornada de Estudos Históricos da UFTM, 2021, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jDq1Xfhs-98>.

[16] O oleiro na antiguidade clássica era o responsável por todo o processo de produção dos vasos, nos quais, estavam de forma ativa desde a escola do barro até ao ato da entrega deste ao comprador de seu produto.

[17] (CARVALHO, Bruno Leal Pastor; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. História pública e Divulgação da História, 2019, p.09)

[18] A passagem de **Jeremias 18:1-6 - ACF - Almeida Corrigida Fiel - Bíblia Online**. Apresenta como o profeta foi instruído por Deus a regressar a casa do oleiro e notar como o profissional executava seu serviço manual. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/jr/18/1-6>. Acesso em: 7 jul. 2023.

[19] Arendt apresenta em sua fala sobre os conteúdos serem dignos de virem a esfera pública e expressa que deve haver significado social para ser dignificado público no contexto de sociedade.

[20] (RÜSEN, Jörn. Razão histórica, 2001, p. 30)

[21] (ARENDRT, Hanna. A Condição Humana, 1983, p.6)

[22] (SILVA, Daniel Ferreira da, O papel do Historiador no Universo Digital do *YouTube*, 2022)

[23] Canal Nostalgia, do influenciador digital Felipe Castanhari, Disponível em <https://www.youtube.com/@nostalgia>

[24] (LUCA, Tânia Regina. Práticas de Pesquisa em História, 2020, p.26)

[25] (CERRI, Luis Fernando. Consciência histórica e ensino de história, 2011, p. 22 e 23)

[26] (RÜSEN, Jörn. Razão histórica, 2001 p.32)

[27] (Carvalho, Bruno Leal Pastor de. Faça aqui o seu login: os historiadores, os computadores e as redes sociais online, 2014, p.176.)

[28] (RÜSEN, Jörn. Razão histórica, 2001)

[29] (DUMOULIN, Olivier. O papel social do Historiador. 2017, p. 85-101)

[30] (DUMOULIN, Olivier. O papel social do Historiador 2017, p.85)

[31] Kobelinski e Almeida, 2022- Disponível em: <https://public-history-weekly.degruyter.com/10-2022-8/public-history-brazil/>

[32] PACI; SALVATORI, 2022- Disponível em: <https://public-history-weekly.degruyter.com/10-2022-1/collaborative-history-writings/>.

[33] O Leitura Origina História é um projeto realizado na plataforma do YouTube, idealizado pelo Doutor em História Icles Rodrigues, Disponível em: <https://www.youtube.com/@obrigahistoria>

[34] Para saber mais sobre esse projeto ver em RODRIGUES, Icles. História no YouTube: Relatos de experiências e possibilidades para o futuro, in. DE CARVALHO, Bruno Leal Pastor; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. História pública e divulgação de história. Letra e Voz, p. 73-92, 2019.

[35] Disponível em: <https://historiaemmeiahora.com/> e <https://open.spotify.com/show/6uscSyqp0q7Cb0uoEujgL8>

[36] O SicCast é uma iniciativa coletiva do Portal Deviante, que possui vários pesquisadores com o intuito de produzir divulgação científica de qualidade. Disponível em: <https://www.deviante.com.br/podcasts/scicast/> e <https://open.spotify.com/show/2k6vtX7nvA9eKazFPHHtNt>

[37] O fronteiras no tempo é um podcast de história que surgiu como iniciativa dos professores Cesar Agenor (C.A) e Marcelo Silva (Beraba), nos quais tem foco em fazer o uso de uma linguagem diversificada e atrativa para se aprender diferentes contextos históricos através desta ferramenta. Sua Homepage: <https://fronteirasnotempo.com/> e seu podcast está disponível no Spotify: <https://open.spotify.com/show/7aTAzC7gfRfHfEp9o6XSHz?>

[38] (FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra, Conhecimento histórico e outros conhecimentos, 2020, p.42)

[39] (FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra, Conhecimento histórico e outros conhecimentos, 2020, p.46)

[40] Seria o termo usado para falar sobre a exuberante quantidade de materiais de história disponível em rede, uma vez que, esse oceano de informações provocaria a qualquer pessoa ficar à deriva.

[41] O filósofo Byung Chul-Han reforça em seu livro No Enxame, Perspectivas do Digital (2018) a respeito de uma palavra conceitual em inglês Shitstormig, que podemos compreender como essa infolenxia ou esse bombardeio de informação sem crivo científico disponibilizado em rede.

Submetido em 21 de agosto de 2023. Aprovado em 3 de outubro de 2023.

DOI: <https://doi.org/10.34019/2359-4489.2023.v9.41907>

Como citar: Silva, Daniel Ferreira da. O trabalho artesanal do historiador e o produto histórico: reflexões sobre a construção de uma história no digital. *Revista Faces de Clio*, v.9, n.18, p. 170-188.